

A PRÁTICA DOCENTE E A INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA AUTISTA: desafios e possibilidades.

Autor: Maria Andreza do Nascimento¹

Co-autor: Antonio Anderson Brito do Nascimento²

Orientador: Mariluze Riani Diniz dos Santos³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

RESUMO: Esta pesquisa busca refletir sobre os desafios e possibilidades na prática de uma professora para a inclusão de criança com Transtorno Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil. A pesquisa se configura de caráter qualitativo e, para discorrer sobre as categorias fundamentais discutidas neste trabalho, nos detivemos às ideias apontadas pelos seguintes documentos e autores: Brasil (2003), Mello (2007) e Silva (2012). Realizamos também entrevista semiestruturada com uma professora da Educação Infantil que acompanha uma aluna autista a fim de compreender seu olhar sobre o Autismo; as estratégias pedagógicas utilizadas para lidar com o TEA; e, refletirmos acerca dos desafios enfrentados pelo sujeito participante da pesquisa em sala de aula. Os resultados revelaram que: 1. Os estudos sobre o autismo vêm sendo realizados desde 1934 e, ao longo desse percurso até os dias atuais, ainda há o que ser estudado, tendo em vista os inúmeros questionamentos com relação ao que ocasiona de fato esse transtorno; 2. O fator que dificulta a ampla compreensão desse transtorno é a existência de inúmeros casos de autista com características diferentes, sendo fruto do transtorno neurobiológico; 3. No que diz respeito ao tratamento, essas crianças devem ser acompanhadas por profissionais como psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos e pedagogos que auxiliam no desenvolvimento cognitivo, acadêmico e social dos portadores de autismo; 4. Consideramos que o professor diante do desenvolvimento da criança portadora de autismo tem o papel fundamental no propósito de identificar o autismo, promover a interação da criança com os demais alunos, além de estimular a comunicação/linguagem. Por fim, podemos destacar que o principal desafio relatado pela professora é a ausência de uma auxiliar, dificultando a participação da aluna nas atividades propostas, pois acredita que com auxílio seria possível o amplo desenvolvimento da mesma. Esse desafio apontado relaciona-se com os estudos bibliográficos utilizados, pois eles revelaram que é preciso, comparada as outras crianças sem Necessidade Educativas Especiais, atenção individualizada e, sem esse suporte, a dispersão da atenção do aluno autista nas atividades são mais recorrentes. Por fim, consideramos ser relevante a discussão dessa temática, pois são variados os desafios encontrados pelos professores para incluir e promover a progressão da aprendizagem dos seus alunos, especialmente, dos alunos autistas.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno Espectro Autista, Prática docente, Educação Infantil.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET Pedagogia (SESU/MEC). Integrante da atividade de Extensão Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular (LEFREIRE) e do grupo de Pesquisa Possibilidades da Pesquisa-formação na interface entre a pós-graduação, a graduação e a escola (PROPEG/UERN). E-mail: andreza-nascimento21@hotmail.com.

² Graduando do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Aluno bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET Pedagogia (SESU/MEC), integrante do grupo de Extensão Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular (LEFREIRE), faz parte do grupo de Pesquisa Possibilidades da Pesquisa-formação na interface entre a pós-graduação, a graduação e a escola (PROPEG/UERN). E-mail: andersonb.nascimento@gmail.com.

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Egressa do Programa de Educação Tutorial – PET Pedagogia (SESU/MEC). Especialista em Educação: práticas de ensino, recursos didáticos e aprendizagens pela Faculdade de Educação FE/UERN. Mestranda em Educação (POSEDUC/UERN). E-mail: mariluzeriani@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

De primeiro modo, consideramos que a discussão sobre a inclusão torna-se pertinente diante de uma sociedade diversificada como a nossa. Por essa diversidade de etnias, gêneros e raças a luta pela igualdade e respeito amplia-se com intuito de garantir o direito, a participação social e educativa de todos os indivíduos independente de suas especificidades. Diante dessa diversidade nos deparamos também com as questões inclusivas e os desafios para garantir espaço para todos.

Nessa linha de pensamento, afluou o desejo de discussão sobre a inclusão no espaço escolar com foco no Transtorno Espectro Autista (TEA), na inclusão de crianças com este transtorno, especificamente na Educação Infantil, e quais os desafios e possibilidades na prática pedagógica de uma docente, tendo em vista o desenvolvimento e a inclusão escolar de uma aluna com autismo. Assim formulamos nosso objetivo geral: refletir sobre os desafios e possibilidades na prática de uma professora para a inclusão de criança com Transtorno Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil.

A pesquisa é de caráter qualitativo, pois corresponde a um processo investigativo de questões singulares e particulares do sujeito participante sob o olhar de uma realidade não quantificada (MINAYO, 2001). Para melhor discorrer sobre a temática nos embasamos autores e documentos como: Brasil (2003) que apresenta indicativos de orientações e esclarecimento sobre a prática docente na inclusão do aluno autista; Mello (2007) que aborda a relação do professor e aluno com autismo; Silva (2012) que trás discussões sobre o histórico e as percepções progressivas do autismo. Também realizamos entrevista semiestruturada com uma professora da Educação Infantil que acompanha uma aluna autista a fim de compreender seu olhar sobre o Autismo; as estratégias pedagógicas utilizadas para lidar com o TEA; e, refletirmos acerca dos desafios enfrentados pelo sujeito participante da pesquisa em sala de aula.

O presente artigo é dividido em dois tópicos No primeiro tópico, “**Estudos sobre o Transtorno Espectro Autista (TEA) e suas principais características**”, trazemos discussões sobre o conceito do Autismo e seu histórico evolutivo, como também, as principais características do TEA. No segundo, “**Os desafios e possibilidades na prática pedagógica de uma professora para inclusão de aluna autista**”, abordamos sobre as contribuições do docente para o desenvolvimento de autista e as dificuldades enfrentadas pelo trabalho docente diante das questões inclusivas de modo específico na sala de Educação Infantil sob o olhar de uma professora.

Destarte, consideramos relevante a discussão e a pesquisa sobre essa temática, pois além de possibilitar a compreensão sobre o Autismo e suas características nos permite refletir sobre a inclusão escolar e os desafios e as possibilidades na prática pedagógica encontrados pelo professor para consolidar a inclusão e garantir a progressão da aprendizagem dos seus alunos autistas no contexto escolar, neste caso, na realidade da Educação Infantil.

1. ESTUDOS SOBRE O TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Antes mesmo de mergulharmos na discussão sobre o Autismo e sua inserção no contexto escolar, iremos aqui compreender o percurso histórico de investigação trilhado por estudiosos para compreender as causas e características do autismo. Primeiramente, a palavra “autismo” é derivado da língua grega que quer dizer “voltar para si mesmo”. Por volta de 1911, segundo Caetano (2010), denominava-se “autista” pessoa que tinha dificuldade de interação social e deficiência mental, tendo como características o funcionamento motor grosseiro e comportamento esquizofrênico. Destaca-se ainda que através de Eugen Bleuler o termo “autista” ganhou espaço no âmbito da medicina.

Já de acordo com Silva (2012), até 1934, as discussões sobre o autismo eram escassas, especialmente ao se tratar sobre patologias psiquiátricas infantil. A situação foi revertida com o estudo do pesquisador psiquiatra austríaco Dr. Leo Kanner nos Estados Unidos o qual diagnosticou o primeiro caso de autismo. O doutor produziu um artigo intitulado *Distúrbios Autísticos do Contato*, o qual apresenta 11 casos de crianças que manifestam comportamentos do tipo: isolamento social desde o início da vida; apego à rotina; preferência por objetos inanimados do que se relacionarem com outras pessoas, repetições de palavras ou frases por longo período, ouvidas em algum local ou em um programa de televisão.

A princípio, o psiquiatra acreditava que esses sintomas eram naturais nas crianças e, por sua vez, considerava que o autismo era consequência da forma como a criança era tratada pelas mães. Inicialmente, ao definir o Autismo, Kanner (1943 apud TAMANHA, 2008) denomina-o como um distúrbio autístico do contato afetivo. O autor também não descarta a hipótese de ser algo biológico e seus estudos apontaram relevância científica:

As descrições de Kanner foram rapidamente absorvidas pela comunidade científica. A abordagem etiológica do Autismo Infantil, proposta pelo autor, salientava a existência de uma distorção do modelo familiar, que ocasionaria alterações no desenvolvimento psico-

afetivo da criança, decorrente do caráter altamente intelectual dos pais destas crianças (TAMANAHA et al, 2008, p. 296).

Identifica-se que o transtorno seria consequência, unicamente, da ausência do afeto familiar, ocasionando transformações no desenvolvimento psíquico da criança. Contudo, essa concepção sobre o autismo foi sendo ressignificada com o avanço científico, pois como destaca Silva (2012) no ano de 1994, o transtorno recebeu uma nova descrição pelo pesquisador austríaco Hans Asperger, em sua tese de doutorado intitulada *Psicopatia Autista da Infância*, sendo uma pesquisa observacional com 400 crianças. Asperger acreditava que o autismo estava associado ao transtorno da personalidade denominando-o como Psicopatia Autística, mais conhecido como Síndrome de Asperger. Em sua pesquisa foi possível perceber a falta de empatia das crianças, pouca capacidade de socialização, monólogo, dificuldade na coordenação motora, inteligência elevada quando o assunto é de interesse do autista.

Já em 1960, a psiquiatra inglesa Loranwing observou a própria filha autista e publicou textos relevantes para a compreensão do autismo, tornando-se a primeira pesquisadora a identificar e descrever a tríade dos sintomas autísticos, a saber: a alteração da sociabilidade; a comunicação e o padrão alterado do comportamento. Loranwing aponta que esses três sintomas são encontrados nos autistas em diferentes graus de intensidade e pode se manifestar de diferentes formas.

Ainda nos anos 60, o psicólogo comportamental Ole Ivar Lovaas iniciou pesquisa a fim de aprofundar a teoria de crianças com autismo. O pesquisador considerou que as crianças autistas desenvolvem atividades novas através de terapias comportamentais. Dessa forma, seu estudo diferiu-se das noções de desenvolvimento do autismo que estavam em vigor, tendo em vista que até o momento acreditava-se que o desenvolvimento da criança autista se dava por meio de atividades psicodinâmicas. Segundo Silva (2012) essa ideia tornou-se mais pertinente, pois os resultados mostraram que a terapia comportamental era mais satisfatória com relação ao desenvolvimento. Na década de 80, o autismo passou a ser reconhecido de forma singular por perceberem que pessoas com autismo não seria esquizofrênicas, o que acarretou a atenção para novos estudos científicos, passando a ser reconhecido como uma síndrome de distúrbio do desenvolvimento.

Em 2007, a ONU decretou o dia 02 de abril o Dia Internacional do Autismo, colocando em evidência a necessidade de refletir, compreender e acolher aqueles que apresentam o transtorno. Além disso, com o passar dos anos, os estudos sobre essa temática estão aperfeiçoando-se, possibilitando diagnóstico do autismo mais perceptível através das semelhanças encontradas na maioria dos autistas. Em suma, o autismo é um transtorno que, ao longo da sua história, ampliou

seus conceitos. Diante do estudo histórico, discutiremos a seguir algumas similaridades encontradas nos autistas.

1.1. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO TEA

Segundo Brasil (2003), as crianças portadoras do TEA não possuem os aspectos físicos diferenciado das demais crianças, mas trazem com sigio algumas especificidades no seu comportamento de modo que chama atenção das pessoas que se relacionam com elas diretamente tais como familiares e professores. Ainda conforme Brasil (2003), algumas características são visivelmente identificadas nas crianças com o autismo. No convívio, por exemplo, é possível perceber que elas costumam isolar-se “dentro do seu próprio mundo”, o que dificulta a interação com outras pessoas, ocasionando também dificuldade na comunicação. Podem ser hiperativas ou muito passivas, pois sua personalidade é algo inconstante.

Apresentam também déficit de atenção, causando assim um aprendizado bastante lento e também são pertencentes de uma rotina que não pode ser quebrada, pois gera desconforto significativo. Destaca-se ainda que essas crianças dificilmente mantenham contato visual, obedecem a ordens ou atendem quando são chamadas. Alguns autistas também possuem apego a determinados objetos e podem apresentar comportamentos gestuais repetitivos.

É possível considerar que cada portador de autismo tem uma forma diferente de reação, porém maior parte possui a dificuldade de interação, desenvolvimento cognitivo e dificuldade na linguagem. Destacamos, sobretudo, que o autismo não é contagioso ou é adquirido por intermédio de algum acidente, pois se trata de um transtorno neurobiológico. Até então não existe cura, mas tratamentos que estão em constante progresso na busca melhorias e desenvolvimento para os portadores.

Esses fatores podem aparecer de forma mais leve ou mais severa no comportamento, mas, independentemente do grau, essas crianças necessitam de acompanhamento por profissionais como: psicólogos, fonoaudiólogos, pediatras, pedagogos e psicopedagogos etc. E, quanto mais rápido esse acompanhamento acontecer mais êxito pode existir no desenvolvimento cognitivo, motor, verbal e no convívio social dessas crianças.

Destacamos nesse trabalho o papel do docente, nesse cenário, ao considerá-lo importante para perceber as primeiras dificuldades de desenvolvimento da criança e, de acordo com Brasil (2003):

É provável que o professor perceba que a criança tem necessidades educacionais especiais antes mesmo dos seus pais ou do próprio pediatra, mas também é comum que o professor se sinta inseguro de comentar isso com alguém, até mesmo pelo próprio fato de que ninguém, nem mesmo o médico, tenha sequer pensado nessa hipótese anteriormente (p.14).

Em seu trabalho, os professores ao perceberem uma criança com dificuldade de se desenvolver, por vezes, podem apresentar receio de conversar com os pais sobre as suas observações diante da criança, pois pode deparar-se com rejeições dos próprios pais em não aceitarem, inicialmente, que a criança possui esse transtorno ou outra necessidade educativa especial, o que pode dificultar o diálogo entre professores e pais sobre o assunto.

Compreendendo as características principais do TEA, entrelaçando com o papel do docente na identificação e na contribuição da aprendizagem da criança autista, iremos discorrer refletir sobre o papel pedagógico de uma professora na garantia da inclusão de uma aluna autista, pois consideramos que o trabalho docente pode auxiliar na descoberta do transtorno, como também no desenvolvimento da criança, tendo em vista que ele possui uma relação direta e poderá perceber as dificuldades de progressão da aprendizagem do aluno com TEA.

2. OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA PROFESSORA PARA INCLUSÃO DE ALUNA AUTISTA

Compreendendo o contexto histórico sobre o Autismo e os comportamentos que caracterizam um autista, buscaremos nesse tópico refletir sobre o papel da escola e do professor diante dos desafios e possibilidades na prática pedagógica para a inclusão de alunos com autismo. Essa discussão será entrelaçada com a fala de uma professora da Educação Infantil³ que, através de entrevista semiestruturada, desvela sua compreensão sobre o TEA, seu fazer pedagógico atento à inclusão de uma aluna autista e os desafios encontrados para tal intento.

Primeiramente, consideramos que um dos objetivos da escola, especialmente nos primeiros anos da vida escolar, ou seja, na Educação Infantil, é promover a socialização das crianças, tendo em vista que é o primeiro momento em que as elas começam a se socializarem de maneira direta com outras pessoas que não fazem parte do seu ambiente familiar. Atenta a isso, a escola torna-se espaço fundamental para as crianças autistas, já que elas têm dificuldade de socialização.

³ Com propósito de garantir o sigilo e preservar a exposição da identidade dos sujeitos citados utilizaremos “Professora Mar e Luz” para referenciar a entrevistada. A professora durante a sua entrevista utilizou “AL” para referir-se a sua aluna diagnosticada com Autismo.

Dessa forma a escola pode estar contribuindo, fazendo com que a criança estabeleça contato social. Assim concorda Silva (2012) ao afirmar que “A vida escolar é especial e todos têm o direito de vivenciar essa experiência. Afinal, é na instituição de ensino que se aprende a conviver em grupo, a se socializar, trabalhar em equipe, conviver com as diferenças: são os primeiros passos rumo à vida adulta” (p.74). Apreende-se, portanto, que a escola é fundamental para todas as crianças, pois é nela que se aprende a viver em sociedade e todas as crianças devem ter acesso para que se aprenda a conviver com as diferenças, tornando necessária a participação de crianças autista em ambientes como esse.

Outro fator que influencia a aprendizagem da convivência social é o respeito às regras para se adequar ao ambiente escolar. Antes das crianças ingressarem na vida escola seus semelhantes podem ter notado algo diferente e essa desconfiança poderá ser compreendida no contexto escolar onde as características do transtorno autista são evidenciadas na relação com os demais colegas. Ao ingressar no contexto escolar, os professores podem identificar na criança a falta de compreensão e dificuldade de cumprimento das regras.

Segundo Silva (2012), o professor em sua prática pode estar contribuindo no desenvolvimento social de alunos com autismo através de “utilização de todos os recursos disponíveis relacionados à socialização, aquisição de linguagem e comunicação, e adequação de comportamentos” (p. 158) a fim de garantir o desenvolvimento da criança. O docente deve estar atento a essas questões de socialização dos alunos de maneira que promova interação, estimulando o desenvolvimento da comunicação/ linguagem.

A docente a qual entrevistamos, relata que a aluna interage de forma satisfatória, apesar de apresentar características que dificultam a constante interação da aluna com os demais colegas. Assim considera a professora:

Quanto à aluna com TEA ela, **apesar de preferir ficar sozinha** e ser agressiva quando é contrariada, **interage bem com os colegas, fazendo cócegas, mostrando e trocando seus brinquedos, sentando junto com eles na acolhida etc.** (Professora Mar e Luz).

O professor, de acordo com Mello (2007) pode contribuir no desenvolvimento da criança com autismo da seguinte forma:

1. Sente o mais próximo possível do professor;
2. Seja requisitado como ajudante do professor algumas vezes; Use agendas e calendários, listas de tarefas e listas de verificação;
3. Seja ajudado para poder trabalhar e concentrar-se por períodos cada vez mais longos;
5. Seja estimulado a trabalhar em grupo e a aprender a esperar a vez;
6. Aprenda a pedir ajuda;
7. Tenha apoio durante o recreio onde, por exemplo, poderá dedicar-se a seus

assuntos de interesse, pois caso contrário poderá vagar, dedicar-se a algum assunto inusitado ou ser alvo de brincadeiras dos colegas; 8. Seja elogiado sempre que for bem sucedido (p. 30).

A docente entrevistada acredita que o diálogo é um instrumento necessário para o desenvolvimento da criança, destacando que essa prática de comunicação é pedagógica e esclarece ao aluno a rotina, as regras e as ações que serão realizadas:

A ação que mais utilizo e apesar de simples considero ser extremamente pedagógica para trabalhar com qualquer pessoa/aluno **é o diálogo**. Falar e explicar a rotina e as atividades, convidar para brincar, cantar; questionar determinadas ações, enfim, **conversar claramente com os alunos é sempre válido** (Professora Mar e Luz).

O desenvolvimento de crianças com o transtorno autista se dá através de estímulos externos, segundo Silva (2012), que são: apoio físico; apoio verbal e apoio gestual. Esses auxílios são aplicados em terapias comportamentais, mas podem ser estimuladas em sala de aula com intuito de promover o desenvolvimento intelectual e autonomia da criança. Como já citamos a docente, tem um forte apelo ao diálogo, sendo um dos apoios apontados, o apoio verbal. Ainda sobre o diálogo a docente acrescenta:

Com AL **às vezes tenho êxito**. Por exemplo, certa vez ela saiu da sala e ficou na janela da sala vizinha cuspiendo sobre as mesas. Quando fui buscá-la a professora me mostrou. Mostramos a ela que isso não podia acontecer e que ela iria limpar as mesas com o pano. Assim ela fez. Em seguida, disse que ela deveria pedir desculpa a professora. Assim também ela fez e chorou, pois percebeu que tínhamos brigado com ela. Eu disse que estava tudo bem, pois a desculpamos, mas que isso não deveria se repetir (Professora Mar e Luz).

Consideramos que essa ação da professora para com a aluna propõe o estímulo à modificação do comportamento para que o cérebro se reorganize para novos aprendizados, memorizações e adaptações, ou seja, o apoio externo (orientação da professora) fez com que a criança refletisse sobre sua ação, reconhecendo seu erro, que proporcionou a tomada de consciência diante do seu ato, expondo através do choro a compreensão de que aquilo que ela tinha feito não era correto.

Outro aspecto a ser compreendido é sobre a necessidade de um atendimento especializado e direto para com o autista, tendo em vista que o seu ritmo de aprendizagem é diferente dos demais alunos. Dessa forma, as atividades devem ser planejadas e diferenciadas com recursos e materiais concretos e visuais, com o mesmo propósito de ensino dos outros alunos. A docente entrevistada relata que:

Sei que falar/cantar/ler, enfim **usar a comunicação possibilita compreender regras e conteúdos, porém** sei também que **recursos visuais facilitam também a aprendizagem do aluno com TEA**. Ainda não elaborei nenhum recurso com imagens específicas sobre os conteúdos, mas **utilizo o que tenho na sala** como os livros (pergunto qual a cor, quem é o personagem, onde eles estão etc.); letras, números em EVA; cartazes etc. **Mas sempre com muita dificuldade para prender a atenção de AL** (Professora Mar e Luz).

A docente percebe que a utilização de recursos e materiais são necessários para contribuir com o desenvolvimento cognitivo da criança, fazendo uso dos materiais que tem na própria sala. Contudo, relata que não tem muito êxito devido à distração da criança, dificultando sua aprendizagem.

É possível apreender que o professor tem o papel fundamental no desenvolvimento de crianças autista, de maneira que promova a socialização com os demais alunos, assim como a docente Mar e Luz, acredita na força do diálogo para o melhor desempenho na participação e interação da aluna na aula. Contudo, envolver o aluno autista nas atividades propostas torna-se um desafio, pois não é tudo que lhe atrai. O docente desdobra-se e recorre à mecanismos que atendam as necessidades da criança e sobretudo atraia para as atividades.

A professora Mar e Luz considera que para superar esse desafio necessita de ajuda, pois considera que sozinha não é capaz de atender a todos os seus alunos de maneira satisfatória. A professora relata a dificuldade que é a ausência de uma auxiliar/estagiária. Segundo ela:

A falta de um suporte acarreta duas questões essenciais: mantê-la mais tempo na sala de aula e realização/participação de/nas atividades. Apesar de ter boa relação com AL **sou incapaz de estar sempre junto dela** visto que seu nível de concentração é breve, gerando a necessidade de estar sempre atenta as suas necessidades, desconfortos, mudanças de humor etc. (Professora Mar e Luz).

É perceptível a angústia e o desejo que a professora tem de ter uma auxiliar em sala de aula, visto que a concentração de sua aluna é bastante curta e uma auxiliar poderia ajuda-la nesse sentido de ficar próxima a aluna, auxiliando na concentração e evitando a dispersão da mesma.

Outro desafio relatado pela docente é sobre a quantidade de alunos que têm e reforça que sozinha não dá conta de uma turma inteira e, ao mesmo tempo, dedicar atenção individualizada para a criança autista, fazendo senti-la atraída por algumas atividades propostas:

Tenho 23 alunos no total e a maioria já está acostumada com a rotina e adoram a roda de conversa que aproveitamos para contar como foi nosso dia, rezar, cantar suas músicas preferidas, dançar, ouvir histórias, contar etc. Nos divertimos muito nesse momento e faço questão de realizá-los todos os dias após a acolhida pois percebo ser um momento essencial

na Educação Infantil. **Porém, AL não se sente atraída pela roda de conversa e costuma sair da sala ou folhear livros nesse momento.** E, contraditoriamente, apesar de adorar livros, quando conto histórias apenas com o uso do livro, ela também não gosta, **mas atrai sua atenção se uso vídeo ou, a medida que conto a história, desenho os personagens no quadro** (Professora Mar e Luz).

De acordo com Mar e Luz sua aluna apresenta dificuldade em atribuir sentido as atividades, nesse caso a aluna não participa da roda de conversa porque ela não ver sentido a isso por estar em seu mundo fechado. Além do ponto contraditório citado pela professora, também percebemos que AL não se adaptou a rotina. Esse ponto entrelaça com a afirmação de Silva quando diz que:

O apego à rotina é algo muito característico das crianças com autismo. Os professores logo notam que uma pequena mudança ou inversão de horários pode desestruturar a criança e até desencadear momentos de agitação. Até mesmo apagar atividades já realizadas pode ser um sofrimento para elas. Um ambiente estruturado e organizado traz mais tranquilidade às crianças e mais confiança ao professor (p. 84).

Neste sentido, as dificuldades enfrentadas pela docente se resumem em dois aspectos: a falta de uma auxiliar no desenvolvimento da aluna; e a apreensão da atenção da aluna que influencia de maneira negativa no seu desenvolvimento. Apesar de identificar avanços no comportamento e na interação com os demais colegas a professora revela que ainda há necessidade de melhorias para garantir o avanço da aprendizagem da aluna, bem como para consolidar uma inclusão escolar efetiva.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa no revelou que os estudos sobre o autismo vêm sendo realizados desde 1934 e, ao longo desse percurso até os dias atuais, ainda há o que ser estudado, tendo em vista os inúmeros questionamentos com relação ao que ocasiona de fato esse transtorno. O fator que impossibilita a compreensão do TEA é a existência de inúmeros casos de autista com características diferentes, sendo fruto de transtorno neurobiológico. Inferimos também que as crianças autistas devem ser acompanhadas por profissionais como psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos e pedagogos que auxiliam no desenvolvimento cognitivo, acadêmico e social dos portadores de autismo.

Consideramos que o professor diante do desenvolvimento da criança portadora de autismo tem o papel fundamental no propósito de identificar o autismo; promover a interação da criança com os demais alunos; além de estimular a comunicação/linguagem. Por fim, podemos destacar que

o principal desafio relatado pela professora é a ausência de uma auxiliar, dificultando a participação da aluna nas atividades propostas, pois acredita que com auxílio seria possível o amplo desenvolvimento da mesma.

Os desafios apontados pela entrevistada foram condizentes com os estudos bibliográficos utilizados, pois eles revelaram que os autistas apresentam características variadas; a criança necessita de acompanhamento especializado e apoio familiar; o professor deve recorrer a apoios verbais, físicos e gestuais; como também é preciso atenção individualizada comparada as outras crianças sem Necessidade Educacionais Especiais, e, sem esse suporte, a dispersão do aluno autista nas atividades serão mais recorrentes.

Dessa forma, consideramos que a pesquisa e discussão dessa temática ampliou nosso olhar sobre o autismo e a forma de lidar com ele nos variados contextos sociais, especialmente, no contexto familiar e escolar. Lançamos olhar sensível a prática do professor, pois são variados os desafios encontrados por eles para incluir, interagir e promover a progressão da aprendizagem de todos os seus alunos.

4. REFERÊNCIAS

CAETANO, Esequias. **Autismo** – Breve Histórico. Disponível em:

<<http://www.comportese.com/2010/09/autismo-um-breve-historico>> Acesso em 10 de Abril de 2017, as 18h19m.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão**: dificuldades acentuadas de aprendizagem autismo - 2. ed. rev. - Brasília : MEC,SEESP. 2003. p.64. (Educação infantil; 3).

MELLO, Ana Maria S. Ros. Autismo: guia prático. 6.ed boração : Marialice de Castro Vatauk. . __ 6.ed. __ São Paulo : AMA ; Brasília : CORDE, 2007 p.104: il. 21cm.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, A.B.B.; GAIATO, B.M.; REVELES, T.L. **Mundo singular**: entenda o autismo. Editora Fontana, 2012.

TAMANAHARA, Ana Carina. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome Asperger**. Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – São Paulo (SP), Brasil, 2008.